

AGOSTO

Cortadeiras, carregadeiras, obreiras...

Embora as baixas temperaturas cheguem a limitar a movimentação dos insetos, em geral a velha fábula da cigarra e da formiga não se enquadra muito bem no inverno brasileiro. No auge da estação mais fria, é possível encontrar tanto cigarras cantando como formigas trabalhando. As cortadeiras ou saúvas (família Attidae) fazem a 'extração' de pedaços de folhas ou flores durante a noite e, pela manhã, as 'obreiras' passam atarefadas, carregando tudo ao abrigo do interior do formigueiro. Lá, os restos vegetais serão usados no cultivo de fungos, que servem de alimento às formigas. Já na Amazônia, onde as temperaturas nunca abaixam demais, não cessam as correições, migrações de multidões de formigas, formando imensas colunas, de larguras variáveis. Em sua jornada, essas formigas (da família Dorilidae) não conhecem obstáculos: passam pelo meio da mata, por trilhas de areia, por cima de troncos, galhos ou mesmo animais e pessoas. Quem mora junto à floresta também chama a formiga de correição de saca-saca. Se uma mulher é surpreendida pela coluna de insetos e não tem tempo de fugir, dizem, o jeito é tirar a saia e ficar imóvel, esperando as formigas passarem. Tentar matá-las é inútil e qualquer movimento implica em doloridas ferroadas.



DU ZEPANN



FOTOS: LILIAN JOHN

Flores em 'chamas'

Nas sedes de fazendas, beiras de estrada e matas secas de interior, em todo Centro-Sul do Brasil, agora é tempo de os mulungus perderem todas suas folhas para dar lugar às flores. Os diversos tons de laranja e até vermelho dominam toda a copa, dando à árvore um aspecto de tocha acesa. As flores têm a forma de meia lua, com cerca de 5 cm de comprimento, e oferecem alimento farto para beija-flores e cambacicas. São comumente conhecidas como mulungus diversas espécies do gênero *Erythrina*, mas a mais abundante é *E. verna*. As árvores são de porte médio a alto, chegando a alcançar 20 metros. Além da floração abundante em plena estação seca, outra característica marcante dos mulungus é a casca bem desenhada, cheia de ranhuras e texturas. Como se adaptam bem às áreas degradadas, os mulungus se tornaram espécies bastante utilizadas em reflorestamentos. A madeira é mole e só serve para caixotaria, mas suas sementes duras e resistentes – vermelhas ou vermelho-e-pretas – são muito utilizadas na confecção de colares e pulseiras.



Jabiru mycteria

CARLOS TRINCA

Em exibição

As águas baixas do Pantanal Mato-grossense estão favoráveis, neste mês, para o turismo de observação de fauna. De qualquer espécie de fauna. Os animais se concentram nas proximidades dos rios permanentes e das lagoas que não secam e se exibem para câmeras das mais variadas marcas. De vez em quando, uma frente fria penetra até aquela região e obriga todos – inclusive os turistas – a se refugiarem. Mas isso só torna os primeiros dias de sol, após a ‘friagem’, especiais para os observadores: quando saem para se aquecer, os animais praticamente desfilam ou posam, fazendo caras e bocas. Entre eles, nunca falta o grande e

manso tuiuiú (*Jabiru mycteria*), considerado ave-símbolo dos pantaneiros, embora se distribua por toda a América do Sul, nas zonas mais quentes, incluindo a Amazônia. Com até 1,60 m de altura, ‘casaco’ branco e cabeça preta, com um colar vermelho na base do pescoço, o tuiuiú é inconfundível. Parado de asas fechadas ou caminhando na beira d’água, chega a se parecer como uma pessoa. Seus filhotes nascem por esta época, quando há fartura de peixes – mussum (*Symbranchus marmoratum*) e traíra (*Hoplias malabaricus*), principalmente, e caramujos (gênero *Pomacea*), sua dieta preferida e a opção mais nutritiva para os tuiuiuzinhos.

Flor de leque, flor de fruta

Agosto tem outras flores, sobretudo na Amazônia, mas são bem mais discretas. Começam agora a despontar os cachos de flores da bacaba-de-leque (*Oenocarpus distichus*), uma palmeira de áreas inundáveis. O curioso é que as flores nascem brancas e vão amarelando e ficando vermelhas com o tempo. Os frutos só estarão bons para consumo a partir de janeiro. Deles se extrai um óleo doce, co-

mestível. E também é costume fabricar um ‘vinho’ semelhante ao de açaí, com a vantagem de que a época de frutificação é complementar a este. Ainda é tempo de florescimento do cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*) e do taperebá (*Spondias mombin*), duas das frutas amazônicas mais conhecidas devido à comercialização de suas polpas e à fabricação de sucos e sorvetes.

Pesca planejada

Agosto é um dos meses que mais exigem planejamento para uma boa pescaria. Estamos no inverno, mas é comum a temperatura subir em várias regiões. Por isso, algumas espécies de peixes somem e outras reaparecem ao sabor do clima. Em compensação, já não chove, os rios estão na ‘caixa’ e a água está limpa. Dá para rever as dicas para julho e apostar nos peixes predadores, como dourado, cachara e cachorra, bastante esportivos. Outro ‘bom de briga’, mas fácil de fugar na época da seca, é a bonita pirarara. O rio Araguaia é uma das moradas do ‘peixe-arara’. Passadas as férias de julho, os turistas levantaram acampamento e as praias, as águas e a calmaria do Araguaia voltam para os pescadores esportivos. No mar, a época ainda é boa para a merluza. O ‘bacalhau brasileiro’ vem da Argentina e, de carona nas correntes frias, sobe até Cabo Frio, no Rio de Janeiro. Dos peixes do nosso litoral, entre os que aparecem em cardumes ou com tamanhos maiores no inverno estão a enchova, a corvina, a cavalinha, o sargo e a sororoça. Cardumes de tainha podem ser encontrados onde a água estiver fria ou sob a sombra de árvores, no mangue.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI

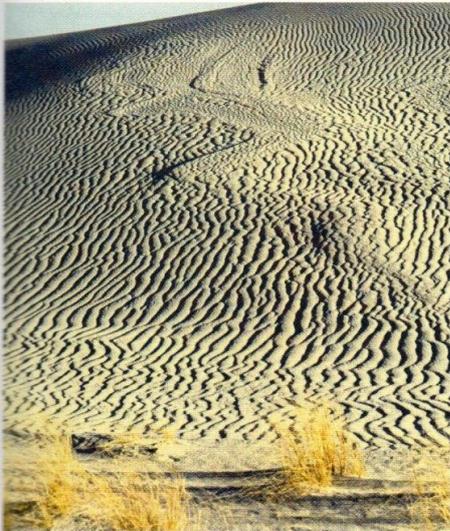


ADRIANO GAMBERINI

ECOS

RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem



Uma 'areia' muito branca, capaz de assumir as cores do céu ao entardecer e ainda brilhar como se contivesse pó de estrelas, forma as dunas do Monumento Nacional de White Sands (Areias Brancas) no Novo México, Estados Unidos. Mais compactas do que as dunas vivas da maioria dos desertos ou planícies costeiras, elas facilitam a vida dos caminhan-tes e compõem um cenário único, já explorado por diversos cineastas em filmes futuristas, como o *Mad Max 3*, estrelado por Mel Gibson (1985), ou policiais como o *White Sands*, com Willem Dafoe e Mary Elizabeth Mastrantonio (1992).

White Sands é, na verdade, um grande depósito de gesso — e não de areia — formado no fundo de antigos lagos da Bacia de Tularosa, parte da grande falha tectônica que atravessa o Oeste dos EUA no sentido longitudinal, entre os Estados de Colorado, Novo México e Texas, com o nome de Rio Grande Rift. O mesmo Rio Grande da fronteira entre México e EUA, famoso entre os imigrantes ilegais.

Cenário em branco

Dunas de uma alvura impecável são palco de filmes e encerram lições de sobrevivência

O branco das dunas contrasta com os solos coloridos de origem vulcânica das redondezas, como o basalto de Malpais — uma extensa área por onde, no passado remoto, escorreu lava escura —; as montanhas Sacramento e Oscura, com seus diversos tons de vermelho, e as dunas de areia quartzosa, amarelas como melhor convém aos desertos. O gesso alvo ainda é interrompido pelo amarelo e marrom dos tufos de uma vegetação que teima em crescer sob as duras condições ambientais oferecidas pelas dunas. Em geral, as plantas formam touceiras em pontos mais abrigados do vento, onde acumulam-se nutrientes. Os capins e ervas mais expostos denunciam a constância dos ventos ao traçar no chão círculos e semi-círculos, como se fossem compassos, balançando com precisão técnica.

Com uma certa frequência, os ventos desenhistas se transformam em tempestades, levantando poeira ou mesmo neve, se é inverno. Eventualmente formam também os chamados *sand devils* (demônios de areia), que são redemoinhos de grande velocidade. As dunas ainda atraem relâmpagos, tornando radical e muito arriscada qualquer caminhada feita na iminência de uma chuva forte.

As espécies capazes de se estabelecer sobre as dunas dependem do fluxo das águas, que determina o grau de salinidade e umidade de cada pedacinho de chão onde a vida é possível, com grandes variações sa-

zonais. Em geral, metade das chuvas anuais cai em violentos aguaceiros, nos meses de julho, agosto e setembro. Logo ao primeiro sol, algas azuis florescem sobre a superfície das dunas, conferindo um aspecto ainda mais insólito ao deserto branco. Mas as águas escorrem rápido por dentro do gesso e a evaporação é considerável, portanto, só as plantas bem adaptadas sobrevivem. Mesmo assim, existem 62 espécies diferentes de plantas em White Sands.

E como há plantas resistentes o suficiente para enfrentar o deserto, também há animais, sobretudo insetos e aves, com um ou outro pequeno roedor, lagarto ou sapo para representar a respectiva classe e, claro, serpentes, suas predadoras. A adaptação ao ambiente, como não podia deixar de ser, está na pele dos que são presas: diversos lagartinhos e ratos são completamente brancos e há insetos quase transparentes. Vale tudo para ficar invisível nas dunas de White Sands.

LIANA JOHN







FLORA BRASILEIRA

Emaranhados de vida e morte

*Cipós ou lianas? Seja qual for o nome,
as mais longas plantas lenhosas das matas tropicais
tanto garantem o sustento de animais como
produzem os venenos que facilitam sua captura,
guardando substâncias de grande interesse para o homem*

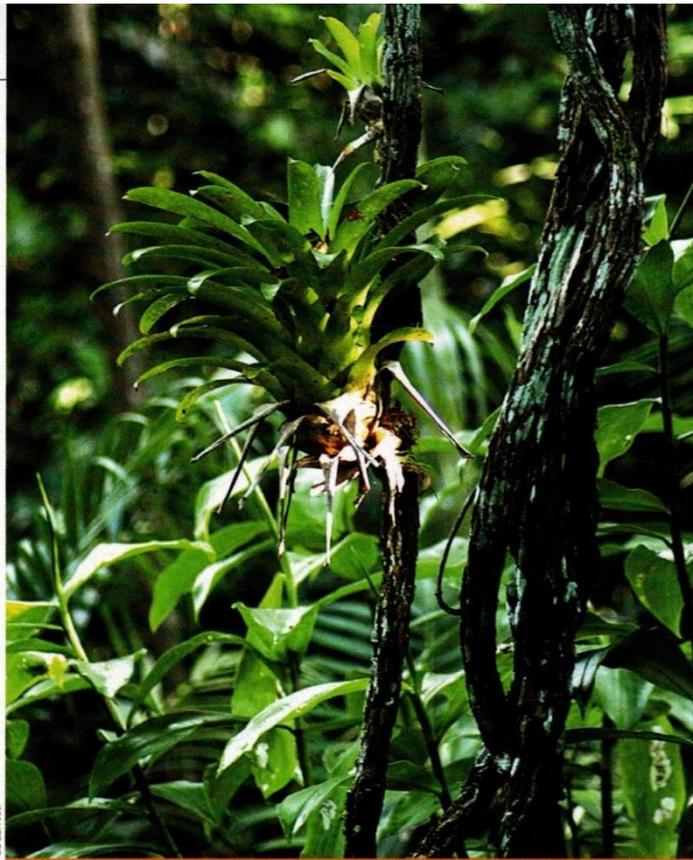
Marca registra-

da das floresta tropicais - embora ocorram também em outros ecossistemas - cipós e lianas brasileiros exibem uma diversidade impressionante, seja na Mata Atlântica, seja na Amazônia. Diferentes das árvores e ervas, essas estranhas plantas de longas fibras chamam mais a atenção dos viajantes por suas formas retorcidas, emaranhadas, espiraladas, enfeixadas ou trançadas. Ou ainda por oferecer balanços tentadores, immortalizados nos filmes de Tarzan. Para os residentes, porém - humanos ou animais -, elas são muito mais: guardam remédios, venenos e segredos capazes de fazer a diferença entre a vida e a morte!

Plantas de grande flexibilidade e resistência, os cipós representam cerca de 25% das espécies lenhosas das matas tropicais. Às vezes alcançam tal densidade que dão nome ao ecossistema: mata de cipó, cipoal ou cipotiba. Combinam o caule lenhoso com estratégias únicas de crescimento e suporte, que permitem manter suas raízes no solo e alcançar a copa das árvores, 20 ou 30 metros acima, muitas vezes descendo novamente e galgando outras árvores para alcançar a luz em vários pontos da floresta, onde, então, emitem suas folhas, flores e frutos. O registro do comprimento total do caule dessas

APOIO MÚTUO

Os cipós se apoiam nas árvores para alcançar a luz, mas também servem de suporte para bromélias (acima) e micos (abaixo)



ELIZAPAVANI



LUCIANO LANESIANI



Cipós e Lianas

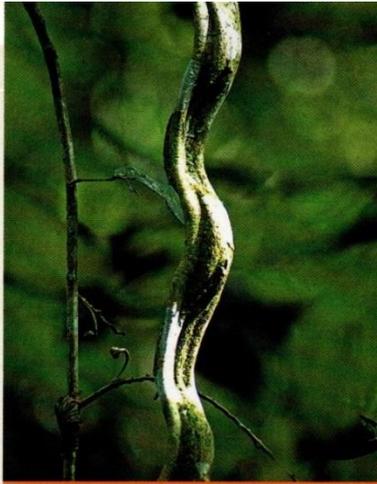
No Brasil há quem faça diferença entre cipós e lianas, atribuindo o primeiro nome a plantas que parecem pender das copas das árvores e o segundo a trepadeiras e plantas parasitas mais comuns em florestas secundárias ou degradadas. Para os botânicos, no entanto, cipós e lianas são a mesma coisa: plantas sarmentosas (com ramos semelhantes aos da videira, gavinhas), de hastes delgadas e flexíveis, típicas de matas tropicais, que não roubam nutrientes de outras plantas, mas as usam como suporte. Ou seja, essa ampla categoria de plantas é melhor definida pela forma de crescimento do que pelas famílias e gêneros a que pertencem. E inclui

plantas é muito falho, dada a dificuldade de se coletar cipós inteiros ou medi-los *in loco*. Algumas estimativas indicam uma média de 70 metros e extremos superiores a 200 metros, mas seriam necessários muitos estudos para chegar a números confiáveis, pois uma boa parte das espécies sequer tem nome.

As lianas fascinaram diversos naturalistas do Século 19, como Charles Darwin, que as classificou conforme seus sistemas de apoio e enredamento. Em sua viagem a bordo do navio *Beagle*, em 1832, Darwin menciona a exuberância dos cipós da Mata Atlântica do Rio de Janeiro, chamando a atenção para sua semelhança com “feixes de feno, pendendo dos galhos de

DIVERSIDADE

Zigue-zague, espiral e fios múltiplos são algumas das estratégias de crescimento das lianas



tanto os cipós do tipo ‘Tarzan’ como as jitiranas e mata-paus.

Cipó é uma palavra indígena tupi-guarani, cuja pronúncia original era *iça-pó* ou, literalmente, a mão do galho. Liana é uma designação internacional, usada tanto entre os botânicos de língua latina como os anglo-saxões. Vem do francês antigo *lier*, por sua vez derivado do latim *ligare* (ligar), numa alusão à conexão feita por esse tipo de planta entre o solo e a copa. Segundo o Dicionário dos Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, entre os tailandeses, a liana é a ligação primitiva entre o Céu e a Terra, cujos frutos deram origem às diversas raças humanas. No Induísmo, a relação entre a liana e a árvore na qual se enrola é um símbolo de amor e evoca a espiral da vida, a eterna evolução das forças naturais.

As variadas

formas das lianas

fascinaram

Charles Darwin

velhas árvores”. Mais tarde, faria diversas menções a essas plantas, quanto à sua “volubilidade” e sua “faculdade de se enrolar”, graças a “órgãos sensíveis entre os quais encontramos as gavinhas, os pecíolos preênsis, *crochets* (pequenos ganchos) e *vinhas foliares*”.

A maioria das pesquisas realizadas no século 20, entretanto, relegou essas plantas ao segundo plano, concentrando-se nas madeiras de lei, fruteiras e es-

*Timbó e curare
estão entre os
venenos de cipó
mais conhecidos*

sências, de maior potencial econômico. Apenas os efeitos negativos das lianas sobre as espécies úteis e os manejos capazes de reduzir tais efeitos receberam destaque. Os cipós podem enredar de tal maneira as grandes árvores que quando uma delas cai, as

Venenos e remédios

Entre os venenos de mais amplo uso entre indígenas de diversas etnias e caboclos amazônicos estão os diversos cipós chamados de timbó (gêneros *Paullinia*, *Serjania* e *Tephrosia*). Batido na superfície da água, em igarapés, nascentes e lagos, ele dissemina um veneno que atordoa os peixes e os faz subir, facilitando a pesca. O veneno não afeta a carne dos peixes, mas causa fortes diarreias, se a água for ingerida.

Diversas lianas amazônicas possuem uma substância tóxica conhecida como curarina, caso do cipó-amargoso (*Abuta candicans*) e do cipó-cururu (*Echites cururu*). A curarina é um dos ingredientes do curare, veneno utilizado na ponta das flechas para torná-las mais mortais.

Ainda são considerados tóxicos o cipó-d'alho (*Adenocalymna alliaceum*), abortivo; o cipó-de-fogo (*Davilla latifolia*) e o cumanan (*Euphorbia phosphorea*), ambos urticantes.

De uso espiritual, o cipó caapi (*Banisteriopsis caapi*) também é famoso,



amarras arrastam junto uma dezena de outras. Eles também podem se enrolar nos troncos que lhes servem de suporte a ponto de impedir seu desenvolvimento normal e dificultar a circulação da seiva ou mesmo causar estrangulamentos fatais. Ou tendem a espalhar com tanta eficiência sobre as copas, que roubam a luz necessária às árvores de apoio. Por isso os silvicultores e madeireiros adeptos

AMARRAS

Algumas lianas chegam a estrangular as plantas-suporte (esq.). Outras, atam dois troncos ou mais (abaixo)

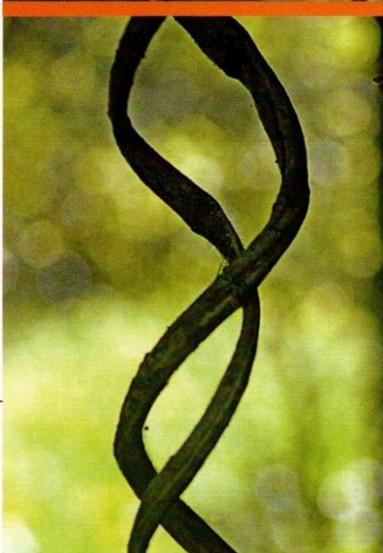
pois entra na infusão alucinógena preparada por adeptos da ayahuasca. Palavra da língua quechua, de indígenas da Amazônia peruana e colombiana, ayahuasca quer dizer 'corda da alma' ou 'dos espíritos' (aya = alma, espírito, waska = liana, corda). No chá são adicionadas folhas de um arbusto (*Psychotria viridis*) e pode-se ou não acrescentar folhas de outros cipós, como o chagro panga (*Diplopterys cabrerana*).

Entre as principais lianas de uso medicinal tradicional, inclusive com fitoterápicos disponíveis nas farmácias, figuram o cipó-azogue (*Apodathera smila cifolia*), anti-inflamatório e depurativo do sangue; o cipó-cabeludo (*Mikania hirsutissima*) contra diarreias crônicas e reumatismo; o cipó-caboclo (*Davilla rugosa*), considerado estimulante, depurativo e afrodisíaco; o cipó-cravo (*Tynnanthus fasciculatus*), tido como tônico estomacal; o cipó-cruz (*Chiococca racemosa*), diurético e purgativo; o cipó-de-São-João (*Pyrostegia venusta*) para diarreias e o cipó-suma (*Anchietea salutaris*) para tratar eczemas e inflamações de pele.



Plantas de fibra

Dos cipós de fibra, um dos mais conhecidos é o cipó titica (*Heteropsis flexuosa*), muito usado pelos chamados 'povos da floresta', para quem é um verdadeiro 'cabo de aço'. Separado da casca e da parte central, que é quebradiça, ele pode ser trançado e serve como corda de emergência, amarra para cargas ou para a fabricação de cestos. A coleta indiscriminada, para a fabricação de móveis, no entanto, já ameaça os estoques naturais da espécie em algumas regiões do Mara-



tos de práticas racionais fazem o corte seletivo de cipós nas florestas manejadas.

Nos últimos 10 anos, porém, os pesquisadores percebem e ressaltam os efeitos positivos dos cipós e lianas. Não só porque muitas espécies fazem parte das 'farmácias naturais' - utilizadas como medicamento por caboclos, índios e até vendidas como fitoterápicos nas cidades - como também por seu papel relevante na dinâmica de regeneração e manutenção da biodiversidade florestal. Conforme destaca a pesquisadora norte-americana Louise Emmons, especializada em mamíferos, elas são uma importante fonte de alimento para muitos animais, sobretudo porque florescem e frutificam na estação

NÓS E TRANÇAS

Trançado, o cipó-titica fica "mais forte que aço" (3 fotos ao alto). As espirais simples (centro) e duplas (dir.) são naturalmente reforçadas

nhão, Rondônia e Pará. Por isso, nos últimos anos, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) reforçou a fiscalização, permitindo apenas a extração para uso pessoal, além de estudar regras para manter o extrativismo em níveis sustentáveis. Em 2000, a Secretaria de Meio Ambiente do Amapá proibiu sua extração durante 5 anos, no Estado.

Outras duas fibras importantes para o artesanato funcional, de peneiras e cestos de uso cotidiano ou amarração de caça e da estrutura de casas e abrigos, são a jacitara (*Desmoncus polycanthus*), uma das raras espécies de liana pertencentes à família *Palmae* (das palmeiras), e o imbé (gênero *Phylodendron*).

Cipós são

essenciais na

dieta de inverno

dos primatas

seca, exatamente quando a disponibilidade de nutrientes é crítica para os arborícolas.

Nos estudos de campo de seu doutoramento pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a bióloga Denise Gaspar verificou a importância dos cipós na alimentação de bugios (*Alouatta guariba*): na Mata de Santa Genebra, um fragmento de 250 hectares, cercado de agricultura e residências, nos arredores de Campinas, SP, os cipós garantem 60% da alimentação dos grandes primatas durante os meses de inverno. Num outro fragmento no

*Lianas são vias
aéreas a salvo
da maioria
dos predadores*

mesmo município, o Ribeirão Cachoeira, quase de mesmo tamanho, mas com maior disponibilidade de água, os cipós constituem 20% da dieta de inverno dos bugios.

“Outros primatas, além de marsupiais (gambás, cuicas), preguiças, pequenos roedores e aves, também recorrem aos cipós para se alimentar durante o inverno, que corresponde à estação seca na região Sudeste”, acrescenta Denise. Segundo ela, são especialmente importantes as flores lilás tubulares de bignoniáceas, cujo néctar é fonte de energia e proteína; os frutinhas de um cipó-cacto (*Pereskia aculeata*), que produz no final do inverno e as sementes aladas de sapindáceas, semelhantes a favas, comidas ainda verdes.

A rede de cipós é igualmente fundamental como via de comunicação entre as copas das árvores. Primatas de todos os tamanhos — micos, sagüis, macacos — se valem desses caminhos aéreos alternativos para alcançar suas áreas de alimentação sem passar pelo chão, onde estariam mais expostos ao ataque de predadores como felinos e canídeos. Embora os gatos menores também consigam tráfegar por cipós mais firmes, em

FIRMEZA

O filhote de miqui (acima) usa a mesma estratégia do cipó (dir.) para se manter firme no dorso da mãe



Millefiori de madeira

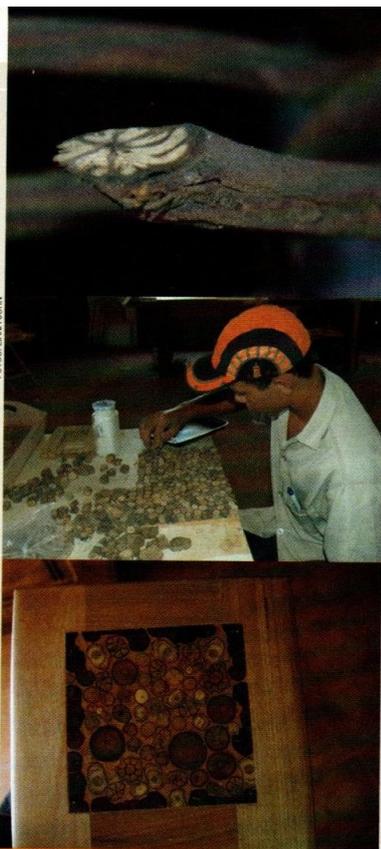
A técnica é antiqüíssima, provavelmente oriunda da Mesopotâmia, ainda antes de Cristo. Desde aquela época, os joalheiros juntavam bastões de vidro colorido, formando feixes e depois os cortavam transversalmente, de forma a formar mosaicos, sobre os quais se fazia um acabamento transparente. No Egito dos faraós há registros de uso dessas peças como adorno e, a partir do ano 1200, na Itália, elas fizeram a fortuna de artesãos habilidosos, cujos fornos foram deslocados de Veneza para a Ilha de Murano, tanto para salvaguardar a cidade do risco de incêndios, como para manter tal arte em relativo segredo. Conhecida inicialmente como millefiori (mil flores, em italiano), a técnica logo roubou o nome da ilha e consagrou-se mundialmente como 'arte em vidro murano'. Pois hoje,

geral, a flexibilidade dos caules atrapalha os ataques e o emaranhado favorece as presas, que escapam pelos labirintos suspensos.

Não é só. Quando um trecho de mata é derrubado, as lianas proliferam na área de contato entre a vegetação ainda intacta e o entorno aberto, criando uma espécie de 'saia' protetora. Esse é um dos chamados 'efeitos de borda' mais visíveis. O excesso de trepadeiras limita a entrada de luz e eventualmente dificulta o crescimento de árvores pioneiras naquele trecho, um

DESIGN EXCLUSIVO

As múltiplas formas dos cipós (dir.) se transformam em objetos de decoração (sequência acima) na Marcenaria Sumaúma



FOTOS: LIANA JOHN



uma adaptação dessa técnica aproveita a profusão de formas dos cipós brasileiros, numa versão de millefiori bem menos colorida, mas tão rica em formas quanto as peças em vidro. Em Alta Floresta, no Mato Grosso, a Marcenaria Sumaúma, produz objetos de decoração e móveis com pedaços de cipós de diversas espécies amazônicas, pacientemente cortados em fatias, compostos em quadros e rejuntados com pó de serragem e cola branca, depois lixados e polidos. A mesma técnica, com cipós da Mata Atlântica e liga feita em cera de abelha, é uma das atividades de inclusão no mercado de trabalho, realizada por deficientes, em Visconde de Mauá, entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. Sem dúvida, é uma alternativa de baixo impacto ambiental e grande valor agregado, se comparada a outras alternativas de uso artesanal de cipós. Baixo impacto porque são usadas diversas espécies, diluindo a pressão de coleta e aproveitando a diversidade natural das florestas tropicais. E alto valor agregado devido ao alto índice de aproveitamento de cada cipó para fazer peças bonitas e valorizadas nos mercados consumidores.

de seus efeitos negativos. Por outro lado, elas filtram o vento e reduzem a perda de umidade no interior da mata, alterações microclimáticas que muitas vezes causam a morte de grandes árvores, ainda em pé.

Graças à nova orientação das pesquisas, tanto no campo da Botânica como da Zoologia e da Ecologia, os cipós aos poucos retomam seu lugar de direito no reino vegetal, não mais como pragas a serem eliminadas, mas como plantas de conexão. Tanto do solo com a luz do sol, como da vida com a morte, na contínua espiral de renovação da natureza.

LIANA JOHN

CAMINHO DO MEIO

Unidos contra o tráfico

Juntas, uma empresa de transportes rodoviários e uma entidade ambientalista demonstram grande 'poder de fogo' contra o comércio ilegal de animais silvestres



A iniciativa partiu da diretora comercial da empresa de transportes rodoviários Itapemirim, Andrea Cola. Uma amiga lhe falou sobre o trabalho da Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (Renctas) e ela se interessou em conhecer melhor as campanhas da entidade ambientalista. A Renctas existe desde 1999 e por sua atuação contra o comércio ilegal da fauna brasileira já ganhou diversos prêmios ambientais importantes,

inclusive o Prêmio Verde das Américas, o Prêmio Ford de Conservação Ambiental e o Prêmio Unep-Sassakawa, das Nações Unidas. Entre as diversas parcerias com órgãos governamentais e com o setor privado, a ong já tinha um acordo com a Infraero para disponibilizar informações em aeroportos, visando alertar passageiros e tripulantes sobre o transporte de animais silvestres, nas rotas internas e para o exterior, muitas vezes, na bagagem de mão, dentro dos

aviões. "Sabíamos que uma parte do tráfico também se dá nas rodovias, mas não tínhamos idéia do potencial de uma parceria com uma empresa de ônibus", conta Dener Giovanini, coordenador geral da Renctas.

Quando Andrea o procurou, há cerca de um ano, logo deixou claro que não pretendia investir num projeto ambientalista ou patrocinar campanhas. Queria o envolvimento direto de toda a empresa na causa defendida pela Renctas. "Nosso objetivo



não é financeiro. A preocupação ambiental é cultura e parte do Grupo Itapemirim: nossas garagens são arborizadas, temos hortos, temos um criadouro conservacionista no Espírito Santo. Sou neta do fundador da empresa, Camilo Cola, e cresci valorizando a preservação ambiental. Querria uma parceria para sempre, uma política ambiental para todo o grupo”, enfatiza.

Oficialmente lançada em dezembro passado, a parceria Itapemirim/Renctas pressupõe a utilização de toda a estrutura empresarial do Grupo Itapemirim para disseminar informações sobre o tráfico: como é feito, quais as conseqüências para a fauna, como o traficante pode ser reconhecido, para quem denunciar, e o que mais for necessário para mobilizar dos passageiros dos ônibus aos funcionários da empresa. São 6 milhões de passageiros por ano, 16 mil funcionários, 2 mil ônibus e 950 caminhões, mais 1.500 bilheterias e 250 mil exemplares mensais da revista institucional “Na poltrona”, uma rede verdadeiramente capilar para fazer circular tais informações. “Sem contar os motoristas, parceiros muito especiais”, continua Giovani. “Oferecemos a eles um primeiro

curso de capacitação, que foi absolutamente gratificante, tal o nível de envolvimento, a vontade de ajudar, a disposição em denunciar, e a vontade de aprender a reconhecer o traficante ou a bagagem suspeita”.

Os motoristas estão sempre circulando pelas rodovias, portanto podem se transformar em ‘fiscais’ auxiliares. Eles sabem onde são os lo-

O tráfico tira da natureza 12 milhões de espécimes por ano

cais em que os animais são oferecidos, na beira das estradas. Muitas vezes desconfiam de passageiros, mas nem sempre sabem como agir. “Embora o transporte de animais não seja tão freqüente em linhas regulares, seja mais comuns em ônibus clandestinos, acontece, eventualmente, de aparecerem passageiros carregando pacotes suspeitos e nós não temos poder de polícia, nem queremos ter. Mas, se o motorista sabe o que fazer, a quem avisar, pode ajudar muito”, pondera a diretora

comercial da Itapemirim.

Além dos motoristas, Andrea quer influenciar os outros funcionários e diretores, motivando cada um a fazer a sua parte na campanha contra o tráfico. E mesmo fora da empresa, pretende ainda influenciar as associações das quais o grupo participa, de transportadoras do Estado de São Paulo, órgãos governamentais, outras empresas privadas. Ela reitera: “O tráfico de animais não é só um problema atual do Brasil, não é só uma preocupação com os bichos. É um problema para gerações futuras e para toda a Humanidade. Temos que tomar providências”.

Na parceria, a campanha de conscientização já invadiu todos os espaços disponíveis, através de busdoors, banners, folders, folhetos explicativos, camisetas, pins, filmes institucionais, artigos e exposições de fotos. Tudo para esclarecer a população e indicar maneiras de ajudar a acabar com um negócio ilegal bilionário. Por ano, o tráfico tira dos ecossistemas brasileiros cerca de 12 milhões de espécimes e movimenta algo em torno de US\$ 1,5 bilhão, de acordo com um levantamento realizado pela própria Renctas, em 2001, o mais completo conjunto de dados disponível sobre o tráfico no Brasil.

Com mais informação e o trabalho de capacitação de fiscais e policiais, a Renctas já vinha contribuindo com o aumento significativo das apreensões, além de ajudar a melhorar o índice de sobrevivência dos animais apreendidos, que, muitas vezes, morriam por falta de cuidados específicos. Agora, com toda essa capilaridade na distribuição da informação, o alcance de suas ações será multiplicado. “É uma parceria da qual temos muito orgulho!”, arremata Dener Giovanini.

LIANA JOHN